



A ECLESIOLOGIA MISSIONAL COMO FORMADORA DE DISCÍPULOS DE CRISTO¹

Bel. Nilson de Oliveira Pinto Pereira²

RESUMO

O presente trabalho busca descrever e analisar o papel da Igreja de Cristo em um panorama histórico e teológico na *Missio Dei* (ou seja, a Missão de Deus), no que diz respeito ao *discipulado*, sob a ótica da Teologia Reformada. Um dos grandes exemplos está no texto Bíblico de Atos 2:42-47. O ápice da vida de um cristão é ser um discípulo de Cristo, um filho de Deus em Cristo Jesus, e isto exige de nós o cumprimento da Missão de Deus na Terra. Discípulos geram outros discípulos através do ensino da Bíblia Sagrada, das orações, da vida comunitária e da caminhada de vida. Da mesma forma, busca-se entender como a igreja que compreende a importância da missão pode se tornar também uma igreja discipuladora. Ser missional está diretamente atrelado a viver o discipulado, pois isto é a grande missão da Igreja. Há uma vital ligação entre o conceito de *missionalidade* e de *discipulado*, afinal, a missão da Igreja é essencialmente fazer discípulos e consolidá-los na fé cristã. Por fim, a intenção é entender como o papel eclesial que desempenhamos é uma das principais ferramentas que o Senhor nos dá para desenvolver, na prática, a missão de formar discípulos de Cristo em uma igreja local.

PALAVRAS-CHAVE: Eclesiologia; Discipulado; Missiologia; *Missio Dei*; Formação de discípulos de Cristo; Igreja Missional; Sacerdócio Universal dos Santos; Liderança Eclesiástica; Membresia.

ABSTRACT

The present work seeks to describe and analyze the role of the Church of Christ in a historical and theological panorama in the *Missio Dei* (that is, the Mission of God), with regard to discipleship, from the perspective of Reformed Theology. One of the great examples is in the Biblical text of Acts 2:42-47. The apex of a Christian's life is to be a

¹ Essa produção bibliográfica se trata de um dos pontos desenvolvidos na monografia **A Eclesiologia Missional como formadora de discípulos de Cristo**, sob a orientação do Prof. Dr. Rev. Junio César Rodrigues Lima, no Seminário Teológico Presbiteriano Rev. Ashbel Green Simonton.

² O autor é bacharel em Teologia do Seminário Teológico Presbiteriano Reverendo Ashbel Green Simonton (Seminário Presbiteriano do Rio de Janeiro), candidato ao Sagrado Ministério da Igreja Presbiteriana do Brasil, pós-graduado em Revitalização de Igrejas pela FATIPI e professor/historiador pela Universidade Veiga de Almeida.

disciple of Christ, a son of God in Christ Jesus, and this demands that we fulfill God's Mission on Earth. Disciples generate other disciples, through teaching the Holy Bible, prayers, community life and the walk of life. Likewise, we seek to understand how the church that understands the importance of the mission can also become a disciple-making church. Being missional is directly linked to living discipleship, as this is the great mission of the Church. There is a vital link between the concept of missionality and discipleship, after all, the Mission of the Church is essentially to make disciples and consolidate them in the Christian Faith. Finally, the intention is to understand how the ecclesiastical role we play is one of the main tools that the Lord gives us to develop the Mission in the formation of disciples of Christ in practice in a local church.

KEYWORDS: Ecclesiology; Discipleship; Missiology; *Missio Dei*; Formation of disciples of Christ; Missional Church; Universal Priesthood of Saints; Ecclesiastical Leadership; Membership.

INTRODUÇÃO

O Discipulado é a maior Missão da Igreja.
Abmael Filho³

O termo *missional* não se trata apenas de um neologismo oriundo da eclesiologia pós-moderna ou de mais um dos muitos modismos criados com o foco no crescimento de igrejas; ele é um resgate da eclesiologia bíblica. Ele começa a ser utilizado em 1998, ano em que foi publicado um livro chamado *Missional Church* de Darrell L. Guder nos Estados Unidos. Desde então, passou a ser amplamente divulgado, sobretudo em movimentos de *plantação de novas igrejas*, destacando-se a *Spanish River Church*, igreja cristã em Boca Raton, na Flórida, conhecida mundialmente como a maior plantadora de novas igrejas nos últimos anos.

O conceito de *missional* veio ressignificar outro conceito vital na Missiologia. A intenção de Guder foi aplicar um conceito antes divulgado por missiólogos importantes como Lesslie Newbigin (1909-1998) e David Bosch (1929-1992) sobre missões na vida prática e no contexto urbano, o conceito de *missio Dei* (KELLER, 2014, p. 303). Newbigin e Bosch entendiam que o conceito de *missio Dei* era ainda mais amplo do que chamá-lo apenas de *missão de Deus*. É atender ao Seu chamado como Igreja de ir, cada vez mais, pelo mundo secularizado e participar do que o Senhor tem feito nele (NEWBIGIN, 2019, pp. 63-72), seja nas cidades, nos campos, nas regiões mais ricas ou

³ BROADCAST Vida Nova 010: Discipulado. Entrevistado: Abmael Filho (pastor da Primeira Igreja Batista de Atibaia). Entrevistador: Rodrigo Bibó de Aquino. **BiboTalk Produções**, 05/07/2018. Podcast. Disponível em: https://youtu.be/wcYbfv_uu30. Acesso em: 21/05/2022.

mais pobres. Para eles, missões é o que Deus realiza na história desde sempre e um discípulo de Cristo necessariamente participa disto (NEWBIGIN; BOSCH apud KELLER, 2014, pp. 297-301).

Ser *missional*, acima de tudo, significa fazer missão onde estivermos, sem necessidade de mudar de CEP⁴. Deus fez de Jesus Cristo, Seu único filho, um missionário ao enviá-Lo à Terra, e como o próprio Cristo é *missional*, nós, Seus discípulos, também devemos ser (LIVINGSTONE, 2005, n.p.). Aliás, uma das principais funções que o Senhor veio realizar foi exatamente começar um movimento constante de formação de discípulos e o coletivo disto se chama igreja local. Mais do que isso, o próprio Deus é o missionário por excelência, a *missio Dei* é Dele. E Ele nos chama a entender as crises que o mundo expressa e a responder com o Evangelho, ouvindo sempre o Espírito Santo, exatamente como fez Jesus e Seus primeiros discípulos (BOSCH, 2021, p. 27-30). Assim, toda vez que um discípulo de Cristo, fiel à mensagem do Evangelho, passa a dialogar com a cultura na qual está inserido (quer seja por sua origem étnica ou pelo fato de estar domiciliado em determinada região cultural), este discípulo será um missionário. Em outras palavras, ele exercerá o seu *caráter missional*, e o coletivo disto é o que caracteriza uma *igreja missional*. Adotar essa concepção como estilo de vida, alinhando espiritualidade e prática, é de fato o que a Bíblia Sagrada ensina para todos aqueles que seguem a Jesus. Assim, ter um *caráter missional* significa o mesmo que ser missionário onde se está, isto é, não apenas dentro de um prisma transcultural. Pois, enquanto vivemos, devemos cumprir a *grande comissão* que Jesus incumbiu a todos os seus discípulos como cooperadores Dele em missão (STETZER, 2015, p. 16).

Há um grande esforço visível de trabalhar e desenvolver o conceito de *igreja missional* no Brasil, sobretudo a partir da segunda década dos anos 2000. Mas esta ênfase nestes dois importantes pilares do Cristianismo na vida dos discípulos de Cristo, especialmente nos moradores do Rio de Janeiro, tem surtido efeitos transformadores? Em uma análise minuciosa das igrejas cristãs neste estado, nota-se que muito tem se usado o termo *missional*, porém, a conexão entre esse termo e o discipulado como formador de *igrejas missionais* é incipiente.

⁴ Código de Endereçamento Postal.

A região da Baixada Fluminense⁵ e a cidade de São Gonçalo⁶ são consideradas algumas das regiões aonde o número de evangélicos mais cresceu nos últimos dez anos, porém, seguem sendo regiões muito violentas e com falta de oportunidades de emprego ou de inserção sociocultural. Ou seja, apesar de mais pessoas terem se convertido, não se nota uma mudança social, política, cultural e econômica nestes lugares. O mesmo acontece nas comunidades mais carentes cariocas, onde se observa até mesmo o nefasto fenômeno que vem sendo chamado por sociólogos e jornalistas de *narcopentecostalismo*⁷. Este fenômeno se caracteriza por traficantes que se consideram evangélicos e usam conceitos da fé cristã para explorar e atuar. O mesmo quadro contraditório acontece nas igrejas de classe média e alta das cidades brasileiras, aonde o progressismo ou o conservadorismo tem tido uma voz mais alta que o Evangelho.

Segundo a jornalista Marília de Camargo César, no Brasil, dados estatísticos apontam para um altíssimo índice de violência contra a mulher. Uma mulher a cada onze minutos é estuprada, a cada dois minutos cinco são espancadas, um feminicídio ocorre a cada duas horas, 503 mulheres são agredidas a cada hora. O Brasil é o quinto no ranking mundial dos países mais violentos contra a mulher, tudo isto numa sociedade aonde 87% de seus membros se declaram cristãos de alguma linha teológica, uma contradição enorme e alarmante (CÉSAR, 2021, p. 9).

Há uma crise em que se mostra necessária uma revisão sobre o que significa ser *missional* e praticar o discipulado. Afinal, o que o conceito de discipulado tem a ver com a *missio Dei*? Textos Bíblicos como Mateus 28:16-20 e Efésios 4:7-16 apontam para a formação de discípulos como essência da *missio Dei*. Não há *missão* efetiva sem discipulado. Um conceito, ao ser aplicado na prática, retroalimenta o outro. Isto é, cristãos missionários fazem discípulos cristãos, que se tornam cristãos missionários, e assim por diante. Da mesma forma, é importante destacar que discipulados fracos e doentios comprometem a missão. O importante, depois de nascido espiritualmente, é viver espiritualmente, e este é o grande desafio da vida cristã, o único que realmente vale à pena (SCHAEFFER, 2021, p.13).

⁵ Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/baixada-fluminense/maioria-da-populacao-da-baixada-de-evangelicos-seropedica-lidera-ranking-5531876.html>. Acesso em 15/05/2023.

⁶ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/09/09/em-encontro-com-lula-em-sao-goncalo-no-rj-evangelicos-pregam-esperanca-e-uniao>. Acesso em 15/05/2023.

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/05/12/narcopentecostalismo-traficantes-evangelicos-usam-religiao-na-briga-por-territorios-no-rio.ghtml>. Acesso em 30/06/2023.

1 O DISCIPULADO COMO PONTO CENTRAL DA MISSÃO DA IGREJA

A partir daqui, analisaremos o conceito de *discipulado* e suas dimensões. Serão explorados textos Bíblicos que se referem a cada dimensão do *discipulado*. A má formação de discípulos atrapalha a *missão*, por isso o intuito deste capítulo é a exploração da múltipla dimensão de uma *comunidade missional* e a importância do *discipulado* neste processo aqui descrito. Vale frisar que, para todas as dimensões de *discipulado*, o ensino da Bíblia Sagrada e uma vida de oração, nos níveis pessoais e comunitários, são fundamentais e sempre serão também as duas principais ferramentas que um discípulo de Cristo pode lançar mão (MURRAY, 2012, pp. 199-206).

1.1 O discipulado vertical: Cristo e seu discípulo

Esta é sem dúvida a dimensão mais importante de todas, simplesmente porque é o início de tudo na vida de um discípulo de Cristo. Tudo o que somos e fazemos começa por caminharmos e nos relacionarmos com o Deus Trino. Só é possível alguém ser chamado de discípulo de Cristo se viver se relacionando, imitando e se submetendo à disciplina do Senhor.

A Bíblia Sagrada relata uma das principais orações que o Senhor Jesus fez: “E a vida eterna é esta: que conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17:3 NAA). Este é um versículo que aponta para o *discipulado*: a primeira aplicação é que ele não terá fim. Quando nós, discípulos de Cristo estivermos domiciliados na Nova Jerusalém, seguiremos conhecendo a Cristo e a Deus Pai eternamente. O verbo *γινώσκωσιν* (*ginōskōsin*) que é traduzido como *conheçam* no texto Bíblico está no subjuntivo, que apresenta uma ideia de possibilidade de um acontecimento linear, expressa um desejo por parte do Senhor em relação a nós, Seus discípulos. O conhecer a Jesus e ao Pai Celeste de forma continuada é nada mais, nada menos, que a dimensão de *discipulado vertical*, ou seja, que é caracterizado pela espiritualidade pessoal e relacional de um discípulo com o Deus Trino. Ele começa no *conhecer* a Deus (João 17:3), é lapidado no *amar* a Deus (Mateus 22:34-40), e se completa no *obedecer e seguir* a Deus (Mateus 16:24-28).

Boa parte dos líderes da Igreja de Jerusalém descrita em Atos 2:42-47 aprenderam com o próprio Cristo, a começar com o líder dos apóstolos, o apóstolo Pedro. A primazia dos ensinamentos do Senhor era da importância de se caminhar tendo profundo relacionamento com Deus (Mateus 6:5-14), porque Ele mesmo tinha

momentos de reclusão para se dedicar à oração e buscar a Deus incessantemente (Marcos 1:35). Jesus ensinou aqueles líderes que todo o conteúdo do Antigo Testamento (Lei e os profetas) se resumia em: amar a Deus acima de tudo e ao próximo como a nós mesmos (Mateus 22:34-40). Tudo para um cristão começa ao amar a Deus acima de tudo, e a vida cristã simplesmente é incipiente sem uma dedicação séria do discípulo de Cristo em momentos a sós com Deus.

1.1.1 Tomando a sua cruz e seguindo a Cristo

O *discipulado vertical* começa e segue no conhecer e amar a Deus e se completa no obedecer. A cruz se destaca como grande símbolo do *discipulado vertical*, não somente por termos que carregar a nossa, mas porque é símbolo do sacrifício do nosso Deus, para, a partir dela, nos convidar a viver o Seu *discipulado*. O Senhor Jesus ensina aos Seus primeiros discípulos que aquele que O segue realmente é o que toma sua cruz e nega a si mesmo, vivendo de forma a priorizar o Reino de Deus ao ponto de estar disposto a dar sua própria vida por Ele (Mateus 16:24-28). O Senhor Jesus e nossos primeiros irmãos estavam em Cesareia de Filipe, uma cidade onde os seguidores de Herodes não podiam interferir no ministério deles, oportunidade que ofereceu aos discípulos conhecerem de forma ainda mais completa quem Jesus é (TASKER, 2008, p.125).

Nos versículos anteriores a perícopes de Mateus 16:24-28, Cristo começa a ensinar que Ele deveria ser crucificado e qual a importância disto para o destino do mundo. A perícopes citada faz parte do complexo denominado pelo comentarista Bíblico alemão Fritz Rienecker como o primeiro sermão da Paixão de Cristo, apontando para o sofrimento do Cristo crucificado e o sofrimento pedagógico por parte de Deus na vida dos cristãos ao dedicarem suas vidas para imitá-Lo (RIENECKER, 2017, p. 281).

Os versículos 24 e 25 desta perícopes mostram palavras do Senhor Jesus que são revolucionárias! Nenhum líder faz menção à morte mais maldita que existia em Seu tempo, a saber, a crucificação romana, como uma condição de segui-Lo. Estas palavras podem soar até mesmo como loucura para um homem natural, mas para o homem espiritual é uma condição para seguir vivendo e ganhando sua vida (conforme 1 Coríntios 2:14-16). A condição de seguir ao Senhor Jesus é negar a si mesmo, e quando Ele usa a palavra *τις* (*tis*) traduzida do grego como *alguém*, amplia a condição de ser Seu discípulo a todo aquele que nele crê (conforme João 3:16). Enquanto os líderes

judeus renunciavam ao Messias, os discípulos Dele devem renunciar a si mesmos, numa crucificação seguida de morte do eu (CARSON, 2017, p. 444).

Já nos versículos 26 e 27, nota-se a palavra grega *ψυχὴν* (*psychēn*) traduzida na NAA (Nova Almeida Atualizada) como *alma*, mas também pode ser traduzida como *vida*, como faz a NVT (Nova Versão Transformadora), por exemplo. Usar a palavra *vida* aqui dá uma dimensão maior do que Jesus quer realmente dizer: uma completa devoção a Ele, de modo que, tudo o que somos e tudo o que temos devem servir ao Rei e ao Seu Reino a partir de nossa conversão.

O especialista no Novo Testamento D. A. Carson levanta a hipótese de que o Senhor se refere a Pedro, Tiago e João no versículo 28, que seriam os primeiros homens a verem o Cristo Glorificado no episódio da Transfiguração que acontece exatamente no próximo capítulo do Evangelho de Mateus (conforme Mateus 17:1-8). Embora existam outras hipóteses de interpretação nesta fala de Jesus, percebemos que Pedro, Tiago e João são exemplos para todo cristão na História de discípulos que tomaram suas próprias cruzes, negaram a si mesmos e seguiram o Senhor de forma completa e definitiva, e eram exemplos também para a igreja de Jerusalém do século I d.C. (CARSON, 2017, p. 446). Tudo o que somos e temos precisa ser de Cristo e estar à disposição do Seu Reino, não somos donos nem da nossa própria vida e nem do que está nela. Este ensinamento é fundamental, tanto foi para os nossos primeiros irmãos, quanto é para cada um de nós hoje: se não vivermos esta vida para Cristo de forma integral, a desperdiçaremos.

Este texto Bíblico expõe um alto grau de maturidade cristã alcançada através do *discipulado vertical*, que precisa seguir alguns passos importantes que a própria perícope de Mateus 16:24-28 ensina.

1.1.2 Imitar a Cristo (Negando a si mesmo)

Outro ponto fundamental que ensina o *discipulado vertical* é o imitar a Cristo como meta de vida. Ser discípulo é estar sob a disciplina de alguém, então ser discípulo de Cristo é, essencialmente, estar sob a disciplina de Jesus. É impossível seguir ao Cristo que a Bíblia expõe sem negar a si mesmo. Nossa natureza pecadora é completamente contrária à nossa natureza nascida da Aliança estabelecida entre Deus e nós em Cristo Jesus na conversão. As duas vivem em guerra para decidir quem vai nos dominar e somente através da Palavra de Deus e da ação do Espírito Santo iremos

conseguir negar os desejos pecaminosos de nossa natureza adâmica (conforme Romanos 8 e Gálatas 5).

O discípulo de Cristo é filho de Deus em Cristo Jesus, o Espírito Santo habita nele e comprova a filiação divina (conforme 2 Coríntios 1:22), e somente no poder de Deus negamos nossos desejos pecaminosos! O nosso Senhor é o Rei Servo que abriu mão da Sua Glória para servir como Cordeiro expiatório dos pecados de Seus súditos! Negar a nós mesmos é sim negar as vontades do pecado, mas também é muitas vezes trocar coisas boas pelo que é excelente! Quantos precisam decidir entre correr atrás de um sonho de vida para cumprir a Grande Comissão (conforme Mateus 28:16-20) em Missão? Ou abrir mão de um bom emprego para o mesmo fim? Negar a nós mesmos é, acima de tudo, viver conforme a vontade de Deus, seja ela óbvia, como abdicar de pecados, seja ela mais difícil de perceber, como renunciar a coisas aparentemente boas, porém, que não estão em consonância com o propósito individual de Deus para nós.

O ser humano é capaz de se autoenganar. Muitas vezes acreditamos que conseguiremos negar a nós mesmos sem a atuação do Senhor em nós, o que é uma perigosa falácia que fatalmente nos levará a criar uma espécie de cristianismo próprio (ou legalista, ou liberal, os dois inimigos da Cruz de Cristo, segundo Tertuliano), e não o Cristianismo que a Bíblia expõe. Precisamos nos esquecer de nós mesmos, como o Senhor fez, levando uma vida que se concentra no Reino de Deus, e não em nós mesmos (Keller, 2014, p.17).

Em relação à autonegação ensinada pelo Evangelho, Dietrich Bonhoeffer (1906-1945) ensina que esta não tem nada a ver com suicídio, pois neste, a vontade humana ainda pode prevalecer. A autonegação bíblica é escolher conhecer apenas a Cristo e não mais a si próprio, olhando para frente no caminho e tendo consciência de que tudo o que o discípulo precisa fazer é segui-Lo porque Ele o está guiando (BONHOEFFER, 2004, p. 45). A autonegação é fundamental na vida do discípulo de Cristo, porém, ela precisa levar a um próximo passo: a morte do eu que nasceu contaminado pelo pecado. O eu pode até ter boa intenção, mas, muitas vezes, acaba fazendo o mal que não pretende porque é escravo do pecado (conforme Romanos 7:7-25).

1.1.3 Ser crucificado com Cristo (A crucificação do eu na vida do cristão)

O monge Tomás de Kempis, ao se referir à Cruz na vida do cristão, denomina-a de *Santa Cruz* porque ela é o que purifica, santifica e transforma a vida do discípulo de Cristo. As palavras de Jesus (v.24) podem ser duras, mas pior ainda é não as seguir, pois só podem ser crucificados com Cristo aqueles que têm parte com Ele na vida, morte e

no Seu Reino. Na Cruz se encontra a morte da antiga vida, uma nova existência e o caminho para a Nova Jerusalém, que é para onde o Evangelho nos leva (KEMPIS, 2017, pp.106-107). A Crucificação do eu na vida do cristão não é o fim de uma vida piedosa e feliz, mas é o início de uma vida ligada para sempre com Cristo (BONHOEFFER, 2004, pp. 46-47).

A Cruz como símbolo do Cristianismo nasce na mente do próprio Cristo. Afinal, foi o próprio Senhor quem escolheu morrer numa cruz e transformar o maior ícone de morte que já existiu no grande símbolo da nova vida centrada Nele para nós, Seus seguidores. John Stott dizia que, se alguém quer saber o significado de amor, não deve procurar o dicionário, mas olhar para a Cruz do calvário! Da morte do eu na vida do cristão nasce a vida eterna, e a consequência disto é que nos tornamos escravos de Cristo, e não mais do pecado. Jesus é o dono bom por excelência, portanto, ser escravo Dele é ser livre Nele também. O pecado não nos impõe mais seus mandos e desmandos se vivermos crucificados com Cristo! Na Cruz, Cristo crucificou a Si mesmo, o pecado e o eu da vida de todos aqueles que foram escolhidos por Deus desde antes da fundação do mundo (STOTT, 2015, pp. 15-47).

1.1.4. Viver sob a disciplina de Cristo (O Discipulado Cristão)

Por fim, o último passo do *discipulado vertical* é sua própria existência na vida do discípulo e Jesus Cristo que alcança maturidade Nele. O fruto da vida de um cristão que nega a si mesmo e crucifica o eu dominado pelo pecado é uma vida de *discipulado* em Cristo Jesus. *Discipulado* é se submeter à disciplina de alguém, e só faz sentido a um cristão se submeter a disciplina de Cristo Jesus. A disciplina não é apenas correção ou exortação. É obediência total a um superior em todo o tempo, por isso o *discipulado cristão* é sim revolucionário. Negar as nossas próprias vontades, sonhos e objetivos por amor a Cristo é radical!

Em sã consciência, o homem natural nunca iria renunciar coisas que são essencialmente boas por conta de ensinamentos que um livro que tem cerca de 2.000 anos traz. Mas o discípulo de Cristo o faz. Billy Graham, evangelista do século XX, dizia que a Salvação é de graça, mas o discipulado cristão nos custa tudo! Custa nossa própria vida, afinal, só é verdadeiramente discípulo de Jesus Cristo aqueles que vivem por Ele e para Ele! O discipulado é a união com o Cristo sofredor, por isso mesmo, não há nada de errado no sofrimento do cristão, antes, é graça e alegria (BONHOEFFER, 2004, p. 48)!

Em Mateus 16:24-28 o Senhor deixa evidente que a condição de segui-Lo é negar a nós mesmos e tomar a nossa própria cruz. Para verdadeiramente haver submissão é necessário amor, e amar a Cristo é seguir aos Seus mandamentos como se disso dependesse a própria vida, porque a grande verdade é que realmente depende (João 14:21). E é em *discipulado*, o viver para imitar a Cristo, que nós vamos aprendendo a negar a nós mesmos, crucificando o nosso eu, seguindo a Jesus em todo o tempo e ajudando os outros a fazerem o mesmo (DEVER, 2016, p.15). Para tal, precisamos nos dedicar a viver uma vida *devocional*, meditando nas Escrituras e orando com o Espírito Santo. Mas não apenas isso, é necessário também caminhar com outros irmãos mais maduros espiritualmente. E estas são as próximas dimensões do *discipulado* a serem exploradas neste presente artigo científico.

1.2 O discipulado pessoal: dois discípulos imitando o Mestre juntos

Existe uma dimensão do *discipulado* que é o *discipulado pessoal*. Há quem o chame de *mentoria* também. Ele consiste em dois discípulos, um mais maduro que o outro por já ter caminhado mais milhas com Cristo, onde ambos vivem para imitar ao Senhor Jesus, auxiliando e ensinando um ao outro neste objetivo.

Na Bíblia Sagrada existem alguns casos pontuais que ilustram esta dimensão de *discipulado*. No Antigo Testamento nota-se Abraão e Ló, Jetro e Moisés que depois treinou Josué, o relacionamento evangelístico de Noemi e Rute, o treinamento profético de Elias e Elizeu. No Novo Testamento nota-se: Jesus e os 12 apóstolos; Barnabé e Paulo; Paulo e Timóteo, Tito, Silas, Lucas e Onésimo; Priscila e Áquila com Apolo, Barnabé e João Marcos, Pedro e João Marcos (BAUCHAM, 2011, pp. 61-92). Aliás, alguns teólogos consideram o Evangelho de Marcos um relato das memórias de Pedro (STEIN, 2022, pp.1-46). Analisando a História Eclesiástica do século I e II d.C. nota-se um quadro mais amplo em relação aos apóstolos ou personagens icônicos do Novo Testamento, como a relação de *discipulado* entre Clemente de Roma e o apóstolo Paulo, Policarpo de Esmirna e o apóstolo João (EUSÉBIO, 2000, pp. 29-30), Papias e Filipe e suas filhas em Hierápolis (BAUCKHAM, 2011, p. 28).

O *discipulado pessoal* existe desde o início do Cristianismo porque é fundamental que um discípulo de Cristo não caminhe sozinho. Se o ensino é algo essencial na vida cristã, no *discipulado* é extremamente necessário que uma pessoa ensine para outra como seguir Jesus de forma efetiva. E isto em uma profundidade que só pode ser alcançada caminhando com uma pessoa, uma dimensão que o *discipulado vertical* e o *discipulado comunitário* não podem alcançar. Márcio Tenponi Pacheco ao

discorrer sobre o *discipulado pessoal* o caracteriza como uma *amizade espiritual* que parte da premissa de ser uma amizade diferente das que as pessoas costumam estabelecer. Para explicar, Tenponi Pacheco desmembra o conceito de *amizade espiritual no discipulado pessoal* em aspectos. O primeiro aspecto que o autor mostra é que a *amizade espiritual* tem um objetivo bem definido:

Não é uma relação fundamentada na afinidade que temos com outra pessoa ou, como acontece em nossa sociedade, no interesse em conseguir alguma coisa da relação. A afinidade pode existir e o interesse não é o que se pode ter do outro, mas a intencionalidade de ser e viver o propósito de Deus para cada um de nós, ou seja, investir na vida do outro. O interesse não é sobre o que a pessoa pode obter do outro, mas como pode compartilhar com o outro o que recebeu do Eterno Deus. A amizade espiritual visa o desenvolvimento do caráter de Cristo na vida do discipulador que está se espelhando no Mestre e investe seu tempo, amor e vida, na vida de outra pessoa. Também ocorre o desenvolvimento de Cristo na vida do discípulo que terá alguém para caminhar com ele na sua jornada de ser igual a Jesus. A ideia é “ser Jesus” para o outro, encarnando o evangelho, para que a pessoa discipulada possa vislumbrar Jesus de forma mais concreta. Assim, a amizade espiritual acontece entre pessoas que estão em etapas do processo de amadurecimento diferentes, sendo o discipulador mais amadurecido, por já ter caminhado mais do que o discípulo. No entanto, o objetivo é sempre a formação de Cristo na vida dos dois: discipulador e discipulado. Quando o discipulador caminha com outro discípulo, ele também cresce e amadurece. A beleza do evangelho vivido assim está no fato de que todos são alcançados e impactados. A economia do Reino é assim: quando reparto, quando compartilho, não perco e nem tenho menos, na verdade, tenho mais, pois sou enriquecido pelo próprio Jesus (TENPONI PACHECO, 2022, p. 48).

Márcio Tenponi Pacheco mostra que o *discipulado pessoal* exige intencionalidade, e esta é a de imitar a Jesus e ajudar outros a fazerem o mesmo, de modo que, nenhum discípulo caminhe sozinho. O próximo aspecto apresentado pelo autor é a *confiança* e a *prestação de contas*:

Outro aspecto fundamental é a construção da confiança necessária para que haja o compartilhar da vida real, com todas as dores, sofrimentos, traumas, alegrias e vitórias que tocam a vida concreta. Ter alguém para caminhar conosco é fundamental para suportarmos os desafios, como também para abordarmos as questões emocionais que precisam ser tocadas pelo poder do evangelho. Um dos aspectos fundamentais nesta relação é a prestação de contas. Como seres humanos, a prestação de contas é um fator muito importante para a nossa transformação. É importante ressaltar que a prestação de contas não é uma mensuração do desempenho para dar glória a quem consegue cumprir uma tarefa. O objetivo não é categorizar os vencedores e perdedores, nem evidenciar os superiores e inferiores. Não é a premiação do desempenho o objetivo da prestação de contas. O objetivo é mapear o amadurecimento que diz respeito aos processos que o Espírito está produzindo em cada pessoa enquanto Cristo é formado nela (TENPONI PACHECO, 2022, p. 49).

A ideia de prestação de contas é naturalmente contrária aos dogmas de sociedade pós-moderna. A *prestação de contas* exige supervisão e profundidade de

relacionamento, e numa *sociedade líquida*⁸, aonde a solidez relacional é rara, é difícil ensinar e pôr em prática este conceito. Ela exige um esforço a mais dos discípulos de Cristo em nosso tempo. Márcio Tenponi Pacheco mostra a fundamentalidade da *prestação de contas* para a vida cristã:

Na prestação de contas é possível que a própria pessoa perceba sua caminhada de forma mais clara, ou seja, onde há pontos de tensão, dificuldades e obstáculos que podem estagnar o amadurecimento. E o discipulador pode ajudar de forma intencional e objetiva para que o processo continue. A prestação de contas, longe de ser uma estratégia de dominação, é uma estratégia de ser comunidade e compreender que os seres humanos, criados à imagem e semelhança de Deus, são seres relacionais. Nós fomos criados para viver numa interdependência que traz equilíbrio e promove o fortalecimento pessoal e comunitário. Quando olhamos para o meio ambiente, vemos algo semelhante. O chamado ecossistema apresenta uma interação entre as mais diversas espécies que convivem de forma a promover um sistema estável, equilibrado e autossuficiente. A prestação de contas fomenta esta perspectiva, isto é, criar uma comunidade saudável para enfrentar os desafios do tempo atual. Assim, na interação com o outro, é possível criar formas adaptadas de viver a espiritualidade profunda dentro da realidade de cada pessoa. O discipulador auxilia o outro nos desafios de vivenciar esta espiritualidade, levando em consideração o tempo da vida da pessoa. Por isso, a reflexão sobre a agenda e como fazer a gestão da vida são desenvolvidas e personalizadas dentro do dia a dia do discípulo. A prestação de contas ajuda nesta construção, reformulação e estabilização de uma agenda que seja oriunda da regra de vida adotada pelo discípulo. E, como vimos anteriormente, é a consolidação da regra de vida pessoal que visa tornar o discípulo em quem Deus e ele próprio desejam ser. E a partir da regra de vida pessoal, surge a agenda diária, que é a realização e a concretização deste propósito de vida. Além disto, nesta prestação de contas, é criado o ambiente propício para que haja a confissão de pecados e o processo de cura deles aconteça (TENPONI PACHECO, 2022, p.50).

Tiago, o presbítero de Jerusalém, um dos líderes da igreja de Atos 2:42-47, ensina que a *confissão de pecados* traz cura na vida dos discípulos do Senhor, além de dar ênfase na importância das orações pessoais entre discípulos (Tiago 5.16). A *confissão de pecados* é uma *disciplina espiritual* que nunca deve ser negligenciada, afinal, se ser discípulo é estar sob a disciplina de Cristo, a cura espiritual contida na confissão deve ser priorizada. Tenponi Pacheco segue conceituando a *confissão de pecados* da seguinte forma:

Confessar os pecados a outra pessoa é uma prática bíblica e esta se tornou uma disciplina espiritual. No transcorrer do tempo, infelizmente, ela sofreu muitas distorções e problemas surgiram. Como reação a esta realidade, esta disciplina espiritual foi abandonada pelas Igrejas evangélicas. Ela tornou-se, no máximo, uma prática individual e silenciosa na liturgia do culto. Confessar pecados, como disciplina espiritual, encontra um local apropriado na amizade espiritual. E assim, não apenas informações sobre o evangelho, não apenas aspectos cognitivos são envolvidos no discipulado pessoal, mas também os aspectos da esfera emocional e vivencial. Com isto, a amplitude da cura e restauração do evangelho é muito maior. A confissão auxilia na cura dos pecados e o discipulado pessoal é o local para ser praticada porque existe uma atmosfera de

⁸ Termo criado pelo filósofo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) que caracteriza a sociedade pós-moderna, aonde todo tipo de relacionamento é líquido, desde os relacionamentos com as instituições até os interpessoais.

confiança, a qual passa a ser naturalmente construída com o passar do tempo. Da mesma forma, distorções, fofocas e tantas outras situações são combatidas no discipulado pessoal porque somente o discipulador, que é alguém mais maduro e tecnicamente preparado para ouvir a confissão, ouve sem julgar, mas também sem “passar a mão” na cabeça, mas amando como Jesus amou. Logo, como já parece óbvio, o discipulado pessoal pode alcançar maior profundidade de todo o processo de discipulado. Por ser cultivado numa amizade espiritual, ele consegue abertura e alcance que as outras atividades normalmente não conseguiriam (TENPONI PACHECO, 2022, p.50).

O último aspecto evidenciado por Márcio Tenponi Pacheco é o aspecto do *treinamento orgânico*. Este é o objetivo mais importante do *discipulado pessoal* porque todo *discipulador*⁹ é um treinador do Evangelho. O texto de Efésios 4:7-16 é categórico ao mostrar que os líderes cristãos que ensinam, ou seja, os *διδασκάλους* (*didaskalous*) deve ter por objetivo treinar os outros irmãos para serem maduros como o Senhor Jesus. Tenponi Pacheco descreve o *treinamento do discipulado pessoal* da seguinte forma:

Além disso, o discipulado pessoal apresenta o aspecto do treinamento orgânico. Aprendemos a discipular outras pessoas a partir do nosso próprio discipulado pessoal. É evidente que informações mais didáticas e estruturadas fazem parte do aprendizado para discipularmos alguém. Cursos, seminários e tantas outras ferramentas podem ser usados para fornecer treinamento mais formal. Contudo, quando vamos para a prática, quando começamos a cuidar e a investir na vida de outra pessoa, a ser discípulos que fazem discípulos, nossa maior referência e modelo será de quem é o nosso discipulador. Aqui se evidencia mais um motivo pelo qual quem quer discipular outra pessoa precisa estar sob discipulado. Até mesmo porque dúvidas, questões, reflexões e motivos de oração que podem surgir no processo de discipular outra pessoa podem ser divididos com o discipulador pessoal. Isto gerará uma verdadeira rede de discipulado, a qual se estabelece e ninguém realmente se encontra sozinho no cuidado de outras pessoas. É a maneira de, por conseguinte, vivenciarmos o mandamento de Jesus que diz: “amem-se uns aos outros” (TENPONI PACHECO, 2022, p.51).

O *discipulado pessoal* é uma dimensão do discipulado Bíblico potencializadora, pois é cumprir o mandamento de fazer discípulos (Mateus 28:16-20) em um nível muito mais completo do que a dimensão do *discipulado comunitário*. Ela também refina e potencializa o *discipulado vertical*, pois o objetivo deste é gerar imitadores de Cristo, e caminhando junto com alguém, este objetivo se torna mais prático. Ele aprofunda a vida de um discípulo muito mais que sermões, escolas dominicais ou grupos pequenos dentro de um *discipulado comunitário eclesiástico*, embora todos tenham sua importância significativa também. Isso porque, ao tratar das questões pessoais de um discípulo, o discipulador está ensinando de forma potencializada e particular todo conteúdo que o *discipulado comunitário* vai propor. Além disso, usa o Evangelho de forma mais assertiva nas questões pessoais do discípulo que a próxima dimensão tratada aqui neste artigo científico não consegue alcançar de forma tão precisa.

⁹ Ou seja, aquele que discipula alguém.

O *discipulado pessoal*, portanto, é um chamado de convocação do Senhor Jesus para todos os Seus discípulos e não para alguns com dons para tal. Porém, ele exige investimento de tempo na vida do outro, comprometimento com uma pessoa e desejo de ser cada vez mais parecido com Jesus. Especificamente para os discipuladores, exige ser um discípulo que investe na vida de outros porque alguém já investiu na sua própria vida, ser abençoado para abençoar. Ele é alguém que já vive há algum tempo o processo de *discipulado* por estar submetido ao Senhor e caminha com um *discipulador*. Para os que serão discipulados, é necessária abertura para ser cuidado por alguém, buscar em Deus um discipulador que viva para imitar ao Senhor Jesus e o ajude a fazer o mesmo. Uma boa dica é orar muito sobre essa questão e pedir ajuda da liderança da igreja local para indicar possíveis discipuladores (TENPONI PACHECO, 2022, p. 51).

1.3. O discipulado comunitário: famílias e igrejas locais em discipulado

A próxima dimensão do *discipulado* a ser explorada é o *discipulado comunitário*, que se caracteriza por abordar um aspecto coletivo. O *discipulado comunitário* é aquele que acontece com um determinado grupo de pessoas que professam a mesma fé, ou seja, que tem uma crença em comum e, portanto, participam em comunidade cristã. Sermões nos cultos públicos, EBD (Escolas Bíblicas Dominicais), *reuniões de oração* e *grupos pequenos* são exemplos de *discipulados comunitários*.

O *discipulado comunitário* deve ser observado nas igrejas locais e o foco de todo este trabalho acadêmico é de fato evidenciá-lo nestas. Porém, ele não existe apenas em comunidades cristãs, mas também entre as famílias cristãs, que são locais que o abarcam e, sem dúvidas, merecem atenção. Primeiro porque a Igreja nada mais é que a própria família do Deus Trino (Marcos 3:33-35; João 1:12-13, 8:35 e 17:21; Romanos 8:15-17; Gálatas 3:26-28, 4:4-7 e 6:10; Efésios 1:5-6, 2:19-22 e 3:14-15; 1 João 3:1-2). Dentre tantos nomes possíveis, Jesus Cristo ensina em Seu ministério que Deus se torna o nosso Pai Celeste e, como discípulos Dele, O Pai que sempre foi Dele, então passou a ser também nosso (Mateus 6:1-15).

A própria Trindade Santíssima é uma Família. Deus é Pai, Filho e Espírito Santo (BARBOSA de Sousa, 2017, pp. 47-85). Segundo porque a família como instituição não só é a base de todas as sociedades (na Historiografia muitas vezes chamadas de *clãs*), mas também a primeira expressão comunitária criada por Deus (Gênesis 2:18-25). O discipulado comunitário exige amor e o próprio Senhor ensinou que se nos amássemos, todo o mundo saberá que somos Dele (João 13:34-35).

Peter Scazzero aborda a importância de o discipulado pautar o casamento entre dois discípulos de Cristo. Conforme já abordado ao explorar a dimensão do *discipulado vertical* neste trabalho, o texto Bíblico de Mateus 22:34-40, mostra o que na Teologia é chamado de *mandamento áureo*. Quem ama realmente a Deus sobre todas as coisas, precisa amar também ao próximo como a si mesmo. O Senhor deve ser a prioridade de ambos num casamento entre cristãos e, em seguida o próximo mais próximo, ou seja, o cônjuge. Amar exige ensino, treinamento e ajuda mútua para que o casal seja imitador de Cristo, portanto, é um aspecto de *discipulado* (SCAZZERO, 2016, pp. 79-112).

Martinho Lutero, o reformador, que antes era um monge agostiniano, dedicado integralmente ao estudo da Bíblia Sagrada, certa vez declarou que o casamento é o local onde ele mais aprendeu sobre o Evangelho de forma prática¹⁰. O casamento entre dois discípulos de Cristo é contracultural porque ele foi feito não com o objetivo principal de fazer os cônjuges felizes, como propaga os dogmas da sociedade pós-moderna, mas para tornar seus membros santos, semelhantes a Cristo Jesus. O casamento é uma das principais ferramentas usadas por Deus para moldar os Seus filhos em *discipulado* (THOMAS, 2022, pp.11-30).

A criação de filhos numa família também se encaixa no *discipulado comunitário familiar*. Ainda que, as configurações familiares nas sociedades contemporâneas fujam em algum caso do molde mais tradicional familiar¹¹, esta dimensão do *discipulado* precisa existir quando esta família for liderada por cristãos. O Brasil é uma nação que, em parte, historicamente foi moldada por gerar filhos considerados bastardos e frequentemente multiétnicos, ou seja, que nasceram fora de um casamento, muitas vezes criados por mães solo (RIBEIRO, 2015, pp. 81-105). Não foi incomum o fato histórico de os colonizadores de origem portuguesa e já casados gerarem filhos com mulheres de origem ameríndias ou africanas. Boa parte dos bandeirantes que colonizaram o Brasil eram considerados mestiços, ou seja, descendentes de europeus e de indígenas ou africanos (HOLANDA, 2014, pp. 47-76). E hoje, o índice de famílias lideradas por mães solo aumenta significativamente no Brasil¹². Claro, não se pode negar a existência de famílias lideradas por pais solo também, embora sejam raras. O ponto é, se este pai

¹⁰ Disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/pt/article/martinho-lutero-sobre-o-casamento-como-uma-escola-de-carater/>. Acesso em 11/06/2023.

¹¹ Ou seja, uma família formada por pai, mãe e filhos.

¹² Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/05/09/cartorios-registram-crescimento-de-maes-solo-no-brasil-em-cinco-anos>. Acesso em 15/06/2023.

ou mãe que lidera sua família sem um cônjuge for um discípulo de Jesus Cristo, é fundamental que haja *discipulado* com os filhos (THOMPSON, 2011, pp. 11-18).

Os pais cristãos precisam ser imitáveis para seus filhos, pois, se adultos carecem de exemplos a serem seguidos, quanto mais crianças. Os filhos observam atentamente o comportamento dos pais em comparação a seus discursos, portanto, o *discipulado comunitário familiar* precisa ser mais sobre como comunicamos quem somos do que sobre o que comunicamos verbalmente. E tanto a conduta dos pais, quanto seus ensinamentos verbais são fundamentais nesta equação (THOMPSON, 2011, pp. 19-24). Se alguém é um discípulo de Cristo, seu cônjuge e seus filhos não são trabalhos ministeriais, são o trabalho mais importante a ser feito, a prioridade. Não faz sentido discipular e treinar diversos outros discípulos se os de nossos lares não receberam com primazia os ensinamentos do Evangelho através de nós (BAUCHAM Jr., 2012, pp. 43-70).

Tudo na vida de um discípulo de Cristo que lidera uma família deve ser focado no *discipulado* da mesma, desde os livros, ensinamentos, recursos, ou seja, lá o que for, deve ser ferramenta de treinamento dentro de um lar cristão. Há algumas ferramentas que podem ser utilizadas para o *discipulado comunitário familiar* ser mais efetivo, como devocionais coletivos, cultos domésticos, leitura de um livro em específico, dentre outras. Ele só não pode deixar de existir nunca (HELOPOULOS, 2016, pp.113-126).

O *discipulado comunitário eclesial* é, a partir daqui, o objeto de estudo deste artigo científico. Esta dimensão do *discipulado* abarca todas as outras, sendo uma espécie de produto de todas. Pois é numa igreja local que o discípulo pode viver todos os modelos de *discipulados* já apresentados: estar dentro de um processo de *discipulado vertical* em sua espiritualidade; apresentar-se para estar submetido a um processo de *discipulado pessoal*, tanto como um discipulador quanto como alguém discipulado; e também aprender um *discipulado comunitário familiar*.

Como já dito anteriormente, no *discipulado comunitário eclesial* aplicado a uma igreja local se observa vários rastros de *discipulados* como os *cultos públicos*, a *Escola Bíblica Dominical*, *reuniões de oração* e *grupos pequenos*. A sede de uma igreja local pode ser usada para encontros que fomentem o *discipulado pessoal* também e até o *discipulado vertical*, afinal, é bastante comum o Senhor transformar vidas de forma pessoal usando pregações ou alguns dos momentos de ensino já citados anteriormente. O capítulo três deste artigo científico irá explorar melhor o papel da liderança

eclesiástica dentro de uma *igreja discipular*¹³, assim como dos demais discípulos, além de discutir os hábitos de uma igreja que funciona neste caminho que a torna uma igreja que vive o discipulado de forma orgânica, o eixo central da vida dos discípulos que nela estão e dela própria, e não mais um programa.

Agora, analisar-se-á alguns prismas importantes do *discipulado comunitário eclesiástico*, como o *culto público* e *reuniões de oração*, novamente sob a ótica de Atos 2:42-47. Timothy George e Sherron George destacam algumas características que tornam a igreja de Jerusalém do século I d.C. um exemplo de *igreja missional* de forma funcional. Sempre frisando que esta *missionalidade* ainda era parcial porque se limitava a região da Judeia, porém, é correto afirmar que a igreja de Jerusalém do século I d.C. funcionava focada numa ótica missional em altíssimo nível, por isso mesmo o Senhor os acrescentava mais discípulos a cada momento.

Não é nenhum exagero chamar esta igreja contida no cânon da Bíblia Sagrada como um centro de treinamento *discipular* e *missional*. As descrições do texto Bíblico apontam para isto, como já se viu no primeiro capítulo desta pesquisa monográfica. Aqui há valores atemporais que culminam numa comunidade que vive de forma missional e que prioriza formar discípulos de Cristo, e não membros religiosos de uma instituição. Os dois primeiros deles é que aquela igreja era uma *comunidade social*, ou seja, viviam em conexão uns com os outros a partir da comunhão de uma *comunidade espiritual* (CARRIKER; GEORGE, 2021, pp. 40-41).

Os primeiros discípulos de Jesus Cristo dividiam a vida tanto no âmbito espiritual, quanto no social, onde todos são discípulos do Mestre Jesus e os líderes eram verdadeiros mentores, uma espécie de irmãos mais velhos dos demais discípulos, não chefes, reis, super crentes ou mestres, e a partir da *κοινωνία* (*comunhão*). Em outras palavras, viviam o *discipulado* vida na vida de forma comunitária também (POPE, 2017, p. 9). Há mais de dois mil anos as igrejas fiéis a Jesus Cristo priorizam o ensino apostólico e os guarda, através do cânon da Bíblia Sagrada e a vida em oração a partir dele, acima de tudo. Porém, a comunhão é fundamental neste elo também, não sendo ela uma simples reunião superficial de sanduíches, bolos ou churrascos, mas baseada no amor em comum dos cristãos uns pelos outros e por seu Senhor (MOLLER Jr., 2018, p. 45).

¹³ *Igreja discipular* é aquela que tem no *discipulado* seu eixo central, de forma orgânica, sem utilizar programas para tentar pautá-lo, antes, sua vocação é gerar e fortalecer discípulos de Cristo. Será melhor explorado no capítulo três desta pesquisa monográfica.

Timóteo Carriker e Sherron George explicam que a chave desta ligação entre comunhão, perseverança na *doutrina/ensino* e o *partir do pão* é a graça abundante de Deus. Além do uso dos conceitos de *comunidade social* e *comunidade espiritual*, a igreja de Jerusalém, na perspectiva de Carriker e George era também uma *comunidade litúrgica*, ou seja, voltada para a comunicação. Esta Igreja era uma *comunidade de adoração, oração* e da Palavra de Deus, três temas que, no livro de Atos (Atos 6:7; 12:24; 19:20) ensinam como devem ser a nossa comunicação com Deus e a comunicação de Deus conosco pela Bíblia Sagrada, combinação essencial para fazer crescer a Igreja (CARRIKER; GEORGE, 2021, p. 42). Por que os autores que servem como bases para este capítulo dão ênfase na palavra *litúrgica*? Porque esta palavra significa *serviço do povo* no culto, e é o termo exato utilizado por Lucas em Atos 13:2 (*Λειτουργούντων*, transliterado como *leitourgountōn*), por exemplo. Esta Igreja levava com bastante seriedade os momentos de culto que levam a adoração, confissão, agradecimentos, ofertas, o ouvir, o aprender, interceder, o comungar e o dispor de sair, viver a Fé e fazer Missão, ou seja, o cooperar e participar da *missio Dei* (CARRIKER e GEORGE, 2021, p. 42-43).

Carriker e George fecham este tópico de uma forma extremamente prática e que vale muito a reflexão. Analisando a citação a seguir, fica inviável não a comparar com a realidade das igrejas cristãs de nosso tempo. Timóteo Carriker e Sherron George dão aqui um prático diagnóstico a luz da Bíblia Sagrada de como deve funcionar a Igreja de Cristo em toda a História dentro das perspectivas de *discipulado* e *missionalidade*. Os cristãos eram bem treinados e pastoreados, e como consequência, viviam e faziam novos discípulos para o Senhor:

Aprendemos aqui que o culto: Baseia-se no irromper da *nova ação salvífica* que Deus realizou através de Cristo na História e se evidencia na operação do Espírito Santo. É a *edificação* da igreja na qual a nova criação toma forma concreta e corporal para a salvação do mundo. A leitura e a pregação da Bíblia são centrais. Não ocorre em um espaço ou plano separado do mundo, mas no meio do mundo existente, e inclui o serviço dos fiéis no dia a dia. É aberto para todas as pessoas e para a livre atuação do Espírito. É o alvo último da Igreja. É o serviço responsável daqueles que põem a mão no arado, não olham para trás e se juntam no grito: “Maranata, vem Senhor” (CARRIKER; GEORGE, 2021, p. 43).

As duas últimas características expostas pelos autores são uma *comunidade ensinadora*, ou seja, que tinha foco na capacitação de pessoas, e por fim, uma *comunidade missional*, ou seja, com foco na cooperação. Quando Carriker e George falam sobre a *comunidade ensinadora* partem do termo *διδασκαλῆ τῶν ἀποστόλων* (*didachē*

tōn apostolōn), traduzido como *doutrina/ensino dos apóstolos* e mostram sua aplicabilidade na vida de toda a Comunidade dos discípulos. É fundamental que os discípulos de Cristo que atuam como líderes da comunidade contextualizem e apliquem os princípios bíblicos na vida diária, seja profissional, pública ou familiar. Visando também dar orientações para todos os relacionamentos, visando o perdão, a reconciliação, a tolerância, a paz e o amor para superar os conflitos e a violência. E isto deve acontecer com uma metodologia atraente, atual, participativa, criativa, crítica e desafiadora, ou seja, dialogar, questionar, compreender e avaliar nossas vidas a luz da Bíblia para experimentar uma constante conversão, renovação e transformação (CARRIKER; GEORGE, 2021, p. 44).

A *pregação* apostólica tinha um papel determinante no ensino da Igreja. Não é sobre a quantidade de programas, seminários ou métodos, é sobre ser fiel e bíblico no ensino que os discípulos que exercem liderança devem prosseguir. Os métodos podem ser muito úteis, mas não tem poder em si para transformar membros eclesiásticos em discípulos do Cristo. O livro de Atos é, dentre outras questões básicas, um registro da ação do Espírito Santo na *pregação* Apostólica. A *pregação* sempre foi central na Missão da Igreja.

O termo *doutrina dos apóstolos* também pode ser desdobrado como um conjunto de ensinamentos baseados nas Escrituras de forma sistemática e resumindo a fé cristã, enquanto o cânon do Novo Testamento era formado justamente através da vida destes irmãos, os apóstolos se empenhavam em pregar o Evangelho de Cristo Jesus, seja usando o Antigo Testamento e apontando para o Senhor a partir dele, seja retransmitindo os ensinamentos do Mestre, os quais aprenderam diretamente Dele, como fez o apóstolo Pedro no evento do Pentecostes em Atos 2:14-36. Há relatos históricos que mostram a importância destes ensinamentos que vão dar origem aos catecismos cristãos do fim do século I, início do século II, desde os primórdios da Igreja Cristã, como lembra Simon Kistemaker (1930-2017) em seu Comentário de Atos dos Apóstolos (KISTEMAKER, 2016, p. 154).

Já, quanto à *comunidade missional*, os autores dão ênfase na vocação missionária da Igreja, a de precisar ser voltada para fora e não somente para dentro. O próprio Senhor Jesus esclareceu todo tipo de possível dúvida que os discípulos, não só os da Igreja de Jerusalém, mas a de todos nós na História, em relação a esta vocação:

somos chamados e dotados por Ele para sermos Suas testemunhas¹⁴ por toda parte do mundo! Esta Igreja Missional nasce do Espírito Santo e é sempre guiada por Ele, sendo até mesmo uma redundância apontar que Ela vivia por Ele. Em todo o livro de Atos dos Apóstolos a Igreja é guiada e direcionada pelo Espírito Santo para exercer efetivamente sua Missão de forma holística (CARRIKER; GEORGE, 2021, pp. 44-45).

O *discipulado* na igreja de Jerusalém era *missional*, ou seja, voltado para a *missão* e a geração de cristãos empenhados nela, e uma sequência direta do que os líderes aprenderam com o próprio Senhor Jesus. Justo González, ao analisar a igreja descrita em Atos 2:42-47 diz:

Perseverar no “ensino” dos apóstolos não quer só dizer que eles não se desviaram das doutrinas dos apóstolos ou que permaneceram ortodoxos. Quer dizer também que eles perseveraram na prática de aprender com os apóstolos, ou seja, que eram alunos, ou discípulos, ávidos por conhecimento sob o comando dos apóstolos. Esse “ensino” apostólico não estava limitado à instrução verbal, pois, em Atos 2:43, somos informados que os apóstolos continuavam a fazer “sinais e feitos extraordinários”. Para entender completamente esse assunto a respeito do “ensino dos apóstolos”, é importante lembrar que “apóstolo” quer dizer “enviado”, por isso, a doutrina “apostólica”, por definição, é doutrina missionária, uma doutrina aberta e flexível orientada para missão. Contudo, também fica claro que uma importante parte do ensino dos apóstolos consistia na narração e repetição dos fatos e dizeres de Jesus, a quem os novos convertidos não tinham conhecido pessoalmente (GONZÁLEZ, 2011, p. 70).

Justo González enriquece o que Timóteo Carriker e Sherron George mostram quanto ao *caráter missional* da Igreja de Jerusalém. Ela era uma *igreja missional* que se preocupava também em ser uma *igreja discipular*, antes de tudo. E a característica dela como *igreja discipular* está intimamente ligada também ao caráter missional (ou missionário, um termo intercambiável, como usa o autor) desta comunidade de discípulos de Cristo.

O texto Bíblico de Atos 2:42-47 é um dos poucos relatos onde Lucas se preocupa em mostrar o que acontece depois que as pessoas se convertem, ou sejam, passam a pertencer a Jesus Cristo, e enfatiza elementos fundamentais da vida da Igreja: elas ensinam umas às outras se encontrando regularmente de forma cúltica, orando juntas, partindo do pão, sendo e fazendo novos discípulos para Jesus Cristo, em outras palavras, viviam o *discipulado comunitário eclesial* (GARLAND, 2019, pp. 28-29).

Aqui, como acontece no *discipulado* pessoal já abordado anteriormente, a *confissão* tem um papel fundamental, pois muitos discipuladores costumam usar um tipo de *grupo pequeno* mais específico do que se costuma ver, são os *grupos* de

¹⁴ A palavra “mártir” vem de *μάρτυς* (*Martys*), cuja tradução mais exata seria *testemunha*.

mentoria coletiva. O próprio autor deste artigo já participou de um e lidera outros por conta da influência do Instituto SARA.

Os *grupos de mentoria coletiva* são grupos formados por um discipulador e são compostos por todos aqueles que ele mentoria, geralmente para estudarem juntos algum livro, ter um tempo de *devocional coletivo* e um *momento de confissão*. Evidentemente esta não deve funcionar com toda a igreja, ao menos que o discípulo que confessa seus pecados naquele momento se sinta confortado para isto, mas há riscos consideráveis de se expor tanto para todos, e não para alguns irmãos que possui maturidade suficiente não só para confortar o confessor, mas aprender também com este tipo de experiência espiritual. Até porque é mortal para vida cristã não se cercar de pessoas que podem ouvir sua *confissão*, pois é simplesmente inviável viver o Evangelho e caminhar com o Senhor Jesus sozinho. Acerca disto, Dietrich Bonhoeffer evoca novamente o texto de Tiago 5:16, da mesma forma que faz Márcio Tenponi Pacheco ao falar do *discipulado pessoal* anteriormente neste trabalho (BONHOEFFER, 2021, pp. 97-107).

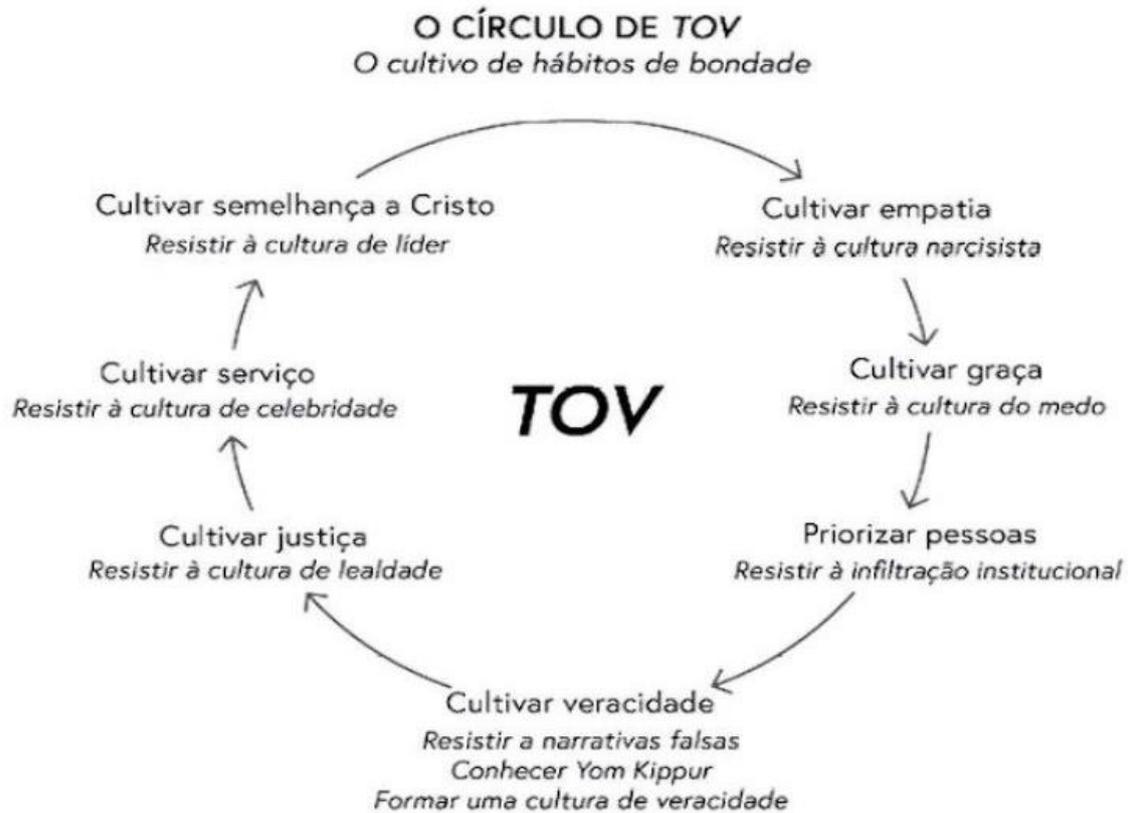
1.4 A igreja local em discipulado: formando uma cultura de imitadores de Jesus Cristo

Ensinos mortos em igrejas doentes tem sido o motivo da morte, as vezes literalmente, de muitos discípulos de Cristo em nosso tempo. Refletir sobre isto é preocupante, triste e estarrecedor. Mas não podemos perder a esperança. O Senhor está conosco até o fim dos tempos (Mateus 28:20), e Ele venceu o mundo por nós (João 16:33), e em breve toda lágrima será enxuta pelo próprio Senhor (Apocalipse 21:4-7). Portanto, nós, os discípulos de Cristo somos sal e luz da Terra (Mateus 5:13-14), e quanto mais vivermos para imitar ao Senhor Jesus, vamos nos tornando curadores feridos neste mundo caído. Vale à pena seguir imitando ao Senhor e trabalhando Nele para mudar estes quadros tristes (NOUWEN, 2020, pp. 71-126).

O caminho é imitar ao Senhor Jesus e gerar uma comunidade de imitadores Dele. E isto começa mudando os hábitos. Nossos hábitos são fundamentais para sermos transformados, somos aquilo que amamos, e mudar nossos hábitos é transformador, é um poder espiritual (SMITH, 2017, pp. 19-48).

Scot Mcknight e sua filha Laura Mcknight Barringer fornecem uma ilustração importante de como uma igreja saudável e curadora deve ser através do que chamaram de *Círculo de TOV*, baseado no vocábulo hebraico *יְטַו* (*Tov*) que significa bondade (MCKNIGHT; BARRINGER, 2022, pp. 97-243):

Figura 1 – O Círculo de TOV: O cultivo de hábitos de bondade.



Fonte: MCKNIGHT; BARRINGER, 2022, p. 95.

Para que a *missio Dei* seja efetiva, é necessário haver um *discipulado* bíblico, e para haver um *discipulado* bíblico, é necessário que haja uma cultura na igreja local de amor e bondade, dois dos atributos do Deus Trino. Scot Mcknight e Laura Barringer fornecem perspectivas de uma cultura saudável e Bíblica numa igreja local. Afinal, o que a *cultura*, este conceito fundamental para a Antropologia tem a ver com o *discipulado*, a *missio Dei* e a Igreja de Cristo? Tem tudo a ver.

Roberto DaMatta, antropólogo brasileiro, define o conceito de *cultura* da seguinte forma: “é um mapa, um receituário, um código, através do qual, as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas” (DAMATTA, 1986, p. 123). Esta análise antropológica e sociológica de DaMatta em relação ao conceito de *cultura* aponta para identificação, localização, um encontro com as raízes essenciais de um grupo, povo, nação, sociedade, comunidade ou tribo. A partir do momento que um coletivo de pessoas que possuem algo em comum e se encontram em determinado local com frequência produzem algo juntos, em outras palavras,

pessoas que possuam hábitos em comum, ali nasce uma *cultura*. Em outras palavras, cada igreja local é também uma *cultura*.

Transformar a cultura eclesiástica de uma comunidade cristã local é muito desafiador. Certamente a igreja perderá membros que estão tão inseridos no sistema tóxico anterior que odiarão qualquer um que promova algum tipo de mudança, com um discurso encharcado de interpretações equivocadas dos hábitos dos líderes que estão promovendo tal mudança, além da própria doutrina Bíblica, mas certamente vale muito a pena, é o caminho a ser seguido porque só nele conseguiremos focar na formação espiritual dos discípulos (CARLSON; LUEKEN, 2013, pp. 223-230). Boa ou ruim, bíblica ou tóxica, cada igreja local manifesta uma dimensão cultural, e entendê-la é fundamental para o êxito da *missão* e da formação de discípulos de Cristo (MCKNIGHT; BARRINGER, 2022, pp. 25-36).

Em suma, cada um dos pontos apresentados e desenvolvidos por Scot Mcknight e Laura Barringer no círculo de TOV, apontam para a mesma doutrina já exposta neste artigo científico anteriormente: a *imitatio Christi*, ou a imitação de Cristo. O último ponto do círculo e o ponto aonde todos os demais culminam! Mcknight e Barringer concordam com Jonas Madureira (MADUREIRA, 2019, pp. 59-60) ao serem categóricos em afirmar que é a imitação de Cristo apresentada pela *doutrina/ensino* dos apóstolos (ou a Bíblia Sagrada) de forma aplicada na vida dos discípulos o único fator que realmente pode transformar uma cultura tóxica que destrói o *discipulado* bíblico e compromete a *missio Dei* dentro de uma igreja local, em uma cultura bíblica baseada no Senhor Jesus Cristo, ou seja, uma cultura de imitadores de Cristo (MCKNIGHT; BARRINGER, 2022, pp. 221-243).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo científico teve por objetivo contribuir com a Igreja Cristã no Brasil em duas áreas da Teologia: a Eclesiologia e a Missiologia, pesquisando e refletindo sobre os conceitos de *discipulado* e *missionalidade* e suas respectivas efetividades nas igrejas locais de nossos dias e como elas têm se relacionado entre si próprias e com o mundo.

O papel central da igreja como coletivo de discípulos é imitar a Jesus Cristo e ajudar outros a fazer o mesmo, ou seja, o que a igreja faz são discípulos, e nada mais, conforme nos comissionou o Senhor Jesus nos textos Bíblicos de Mateus 28:16-20;

Lucas 24:46-51; Marcos 16:15-20; João 20:21-23 e Atos 1:1-9. Por isso, foi analisado o conceito de *discipulado* e suas diversas aplicabilidades. Discipulados incipientes são as causas em grande parte das mazelas da igreja nos dias de hoje. Esta crise no conceito de *discipulado* tem se apresentado em todas as suas dimensões, seja na *vertical*, *pessoal* ou *comunitária*, é um processo de retroalimentação. Uma igreja que não tem um discipulado baseado na Bíblia Sagrada não gera discípulos que tenham uma espiritualidade saudável, portanto, não se relacionam com Deus como deveriam e isto faz com que não haja discípulos aptos para discipular outros discípulos, e conseqüentemente, a igreja local seguirá com *discipulados* incipientes.

A efetividade da *missio Dei* numa igreja local depende diretamente da qualidade do *discipulado* que ela vive. Se o processo de *discipulado* for saudável e pautado na Bíblia Sagrada, a missão de Deus naquela igreja certamente será atendida. Por outro lado, se o *discipulado* for incipiente ou pautado por ensinamentos meramente cognitivos que não causam transformação de vida ou por um ensino manipulativo, a missão certamente será comprometida. Todo cristão é um missionário ou um impostor, como dizia Charles Spurgeon, e se o discípulo em missão não estiver saudável, não é possível que ela seja também. Um *discipulado* forte gera uma igreja forte, e se Deus escolheu cumprir Sua missão através da igreja, é fundamental que esta esteja saudável.

Nós refletimos aqui sobre de que forma uma igreja local pode ser tornar uma igreja *disciplinadora* e *missional*. Muitas igrejas tentam reproduzir modelos e programas, mas o *discipulado* não pode se enquadrar nestes tipos de moldes, ele é orgânico, e não é parte da igreja, é ela toda. A Bíblia Sagrada aponta princípios e dimensões do *discipulado* comum a todos, até por serem ensinados pelo nosso Mestre Cristo Jesus, e pelos apóstolos, mas as formas com que ele vai se desenvolver variam de igreja local para a igreja local, devido as demandas e a cultura própria daquela comunidade de fé.

Nos dias de hoje há muitos líderes que abusam do seu poder, e estes *abusos espirituais* fazem com que líderes humanos se coloquem muitas vezes no lugar do próprio Deus, gerando pecados como idolatria, abuso sexual, abuso moral, dentre outros, nas igrejas locais. E novamente, se a igreja local não consegue se manter saudável, ela não conseguirá viver de forma missional também, não conseguirá dialogar com a cultura como deveria e não terá a vida dos discípulos que a compõe transformada pelo Evangelho, muito menos transformará o ambiente ao seu redor. Muitos cristãos vêm de um ambiente eclesiástico muito tóxico, dotado de abusos espirituais, como os já

citados anteriormente, por isso precisam lidar com uma cultura eclesiástica saudável aonde os líderes e membros vivam para imitar ao Senhor Jesus.

Nós precisamos de igrejas que façam autocríticas e que sempre retornem a Bíblia Sagrada, analisando conceitos cruciais como a *missionalidade* dos discípulos e o próprio *discipulado* a luz desta. A ideia é de um retorno constante porque a Bíblia sempre será a nossa única regra de fé e prática e sempre será a luz para os nossos caminhos (Salmo 119:105), tanto pessoalmente quanto comunitariamente. Em todo e qualquer momento, sobretudo nos momentos de crise, a Bíblia deve ser o local para onde os discípulos de Jesus retornem.

Nunca foram tão publicados materiais teológicos sobre os dois conceitos (*igreja missional* e *discipulado*), mas as transformações necessárias nas igrejas e no mundo ainda são incipientes dentro de um contexto geral, pois é muito mais fácil tentar adaptar modelos bem-sucedidos do que extrair a essência destes conceitos, analisar e aplicar dentro de um ambiente específico e pessoal. Por isso muitas vezes estas mudanças são mínimas, outras inexistentes, ou mesmo retrocedentes em alguns casos.

Os líderes cristãos precisam repensar suas vidas pessoais, assim como os demais discípulos de Jesus que compõe a membresia de uma igreja, e todos juntos devem repensar a vida de cada igreja local que lhes competem. Isso porque os dois conceitos, *discipulado* e *missional*, são orgânicos e diretamente ligados a uma vida de comunhão com o Deus Trino. Portanto, não podem ser exportados, importados ou simplesmente adaptados, conforme já dito por todo este artigo. Ambos os conceitos partem de uma apurada Teologia Bíblica e Histórica, mas a forma com que estes se estabelecem no pessoal e no comunitário irá fatalmente variar. Isto requer tempo, investimento, dedicação, mutualidade, exposição e principalmente, uma vida de oração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA de SOUSA, Ricardo. **O Caminho do Coração: o sentido da Espiritualidade Cristã**. Viçosa: ed. Ultimato, 2017.

BARTHOLOMEW, Craig G e GOHEEN, Michael W. **O Drama das Escrituras: Encontrando nosso lugar na História Bíblica**. São Paulo: ed. Vida Nova, 2017.

BAUCHAM Jr., Voddie. **Família guiada pela Fé: faça o necessário para criar filhos e filhas que andem com Deus**. Brasília: ed. Monergismo, 2012.

BBC BRASIL. 'Narcopentecostalismo': traficantes evangélicos usam religião na briga por territórios no Rio. G1 - Globo Comunicações, 12/05/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/05/12/narcopentecostalismo-trafficantes-evangelicos-usam-religiao-na-briga-por-territorios-no-rio.ghtml>. Acesso em 30/06/2023.

BÍBLIA SAGRADA, NT. Como viviam os convertidos. **Nova Almeida Atualizada (NAA).** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

BÍBLIA, NT. Mateus: Ensino sobre Discipulado. **Nova Versão Transformadora (NVT).** São Paulo: ed. Mundo Cristão, 2016.

Blog. GRAHAM, Billy. **Pensador.** Disponível em https://www.pensador.com/billy_graham. Acesso em 12/10/2021.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado.** São Leopoldo: ed. Sinodal, 2004

BOSCH, David. **Missão Transformadora: Mudanças de paradigma na Teologia da Missão.** São Leopoldo: ed. Sinodal, 2021.

BOUNDS, E. M. **O poder através da Oração.** São Paulo: ed. Batista Regular, 1997.

BTCAST Vida Nova 010: **Discipulado.** Entrevistado: Abmael Filho (pastor da Primeira Igreja Batista de Atibaia). Entrevistador: Rodrigo Bibo de Aquino. BiboTalk Produções, 05/07/2018. Podcast. Disponível em: https://youtu.be/wcYbfv_uu30. Acesso em: 21/05/2022.

CARLSON, Kent e LUEKEN, Mike. **Renovação da Igreja: O que acontece quando uma igreja evangelística descobre a formação espiritual.** Goiânia: ed. Primícias, 2013.

CARSON, Donald Arthur. **O Comentário de Mateus.** São Paulo: Shedd Publicações, 2017.

CÉSAR, Marília de Camargo. **O grito de Eva: a violência doméstica em lares cristãos.** Rio de Janeiro: ed. Thomas Nelson Brasil, 2021.

DAMATTA, Roberto. **Você tem cultura. Explorações: ensaios de sociologia interpretativa.** Rio de Janeiro: ed. Rocco, 1986.

DEISTER, Jaqueline. **Em encontro com Lula em São Gonçalo, no RJ, evangélicos pregam esperança e união: Pastores e pastoras subiram ao palco para falar da realidade do país, da fome e do desemprego que assolam a população.** Brasil de Fato, 09/09/2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/09/09/em-encontro-com-lula-em-sao-goncalo-no-rj-evangelicos-pregam-esperanca-e-uniao>.

Acesso em 15/05/2023.

- DEVER, Mark. **Discipulado: como ajudar outras pessoas a seguir Jesus**. São Paulo: ed. Vida Nova, 2016.
- GARLAND, David e. **Atos: Série Comentário Expositivo**. São Paulo: ed. Vida Nova, 2019.
- GOHEEN, Michael W. **A Igreja Missional na Bíblia: Luz para as nações**. São Paulo: ed. Vida Nova, 2014.
- GONZÁLEZ, Justo L. **Atos: o Evangelho do Espírito Santo**. São Paulo: ed. Hagnos, 2011.
- GUDUR, L. Darrell. **Missional Church: A Vision for the Sending of the Church in North America**. Grand Rapids: ed. Eerdmans, 1998.
- HELOPOULOS, Jason. **Culto em Família: uma bênção a sua espera**. São Paulo: ed. Vida Nova, 2106.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: ed. Companhia das Letras, 2014.
- INTERLINEAR Bible: **Acts 2:42-47**. Disponível em:
<https://biblehub.com/interlinear/acts/2.htm>. Acesso em: 12/04/2023.
- INTERLINEAR Bible: **Matthew 16:24-28**. Disponível em:
<https://biblehub.com/interlinear/matthew/16.htm>. Acesso em: 12/04/2023.
- KELLER, Timothy. **Igreja Centrada: Desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no Evangelho**. São Paulo: ed. Vida Nova, 2014.
- KEMPIS, Tomás de. **Imitação de Cristo**. Petrópolis: ed. Vozes, 2017.
- KISTEMAKER, Simon. **Comentário do Novo Testamento – Atos volume 1**. São Paulo: ed. Cultura Cristã, 2016.
- LACERDA, Nara. **Cartórios registram crescimento de mães solo no Brasil em cinco anos**. Brasil de Fato, 09/05/2022. Disponível em:
<https://www.brasildefato.com.br/2022/05/09/cartorios-registram-crescimento-de-maes-solo-no-brasil-em-cinco-anos>. Acesso em 15/06/2023.
- LIVINGSTONE, David. **O Pensador**. Disponível em:
<https://www.pensador.com/frase/NjEwNzc1/>. Acesso em: 25/05/2023.
- MADUREIRA, Jonas. **O custo do Discipulado: a doutrina da imitação de Cristo**. São José dos Campos: ed. Fiel, 2019.
- MCKNIGHT, Scot e BARRINGER, Laura. **Uma Igreja chamada TOV: A formação de uma cultura de bondade que resiste a abusos de poder e promove cura**. São Paulo: ed. Mundo Cristão, 2022.

- MOLLER Jr., R. Albert. **Atos 1-12 para você.** São Paulo: ed. Vida Nova, 2018.
- MURRAY, Andrew. **Com Cristo na escola de Oração.** Curitiba: ed. Pão Diário e São Paulo: Editora dos Clássicos, 2012.
- NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece – NA 28.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- NEWBIGIN, Lesslie. **O Evangelho em uma sociedade pluralista.** Viçosa: ed. Ultimato, 2016.
- NEWBIGIN, Lesslie. **O Segredo Revelado: Uma introdução da Teologia da Missão.** São Paulo: ed. Vida, 2019.
- NOUWEN, Henri. **O curador ferido: Ministério na sociedade contemporânea.** Petrópolis: ed. Vozes, 2020.
- ORTIZ, Juan Carlos. **O Discípulo: um livro revolucionário, para quem deseja conhecer e praticar o verdadeiro Discipulado Cristão.** Belo Horizonte: ed. Betânia, 2007.
- PETERSON, Eugene. **Uma longa obediência numa mesma direção: Discipulado numa sociedade instantânea.** São Paulo: ed. Cultura Cristã, 2005.
- PEZINI, José Carlos. **Compreendendo as Mudanças Ministeriais na História da Igreja.** São Paulo: Pós-graduação *Lato Sensu* FATIPI EAD – Revitalização de Igrejas, 2022.
- PEZINI, José Carlos e BRANCO, Luiz Alexandre R. **O Caminho Bíblico da Espiritualidade Cristã: paz e reconciliação com Deus e com o próximo.** Curitiba: ed. Esperança, 2020.
- PEZINI, José Carlos. **Oração: Quando meu coração encontra o coração de Deus.** Curitiba: ed. Esperança, 2020.
- POPE, Randy. **Discipulado na Igreja Local.** Viçosa: ed. Ultimato, 2017.
- Redação Jornal Extra. **Maioria da população da Baixada é de evangélicos. Seropédica lidera o ranking.** Jornal Extra, 20/07/2012. Disponível em:
<https://extra.globo.com/noticias/rio/baixada-fluminense/maioria-da-populacao-da-baixada-de-evangelicos-seropedica-lidera-ranking-5531876.html>. Acesso em 15/05/2023.
- RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: ed. Global, 2015.
- RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Mateus: Comentário Esperança.** Curitiba: ed. Esperança, 2017.

- SCAZZERO, Peter. **O líder emocionalmente saudável: como a transformação de sua vida interior transformará sua igreja, sua equipe e o mundo.** São Paulo: ed. Hagnos, 2016.
- SCHAEFFER, Francis. **Verdadeira Espiritualidade: uma vida cheia de beleza que edifica e inspira.** São Paulo: ed. Cultura Cristã, 2021.
- SERVINDO DE APOIO, REFRIGÉRIO E AMIZADE. **Quem somos.** São Paulo. Disponível em: <http://www.sara.org.br/quem-somos/>. Acesso em 11/06/2023.
- SMITH, James K. **Você é aquilo que ama: o poder espiritual do hábito.** São Paulo: ed. Vida Nova, 2017.
- STETZER, Ed. **Plantando Igrejas Missionais: Como plantar Igrejas Bíblicas, saudáveis e relevantes à Cultura.** São Paulo: ed. Vida Nova, 2015.
- STOTT, John R. W. **A Cruz de Cristo.** São Paulo: ed. Vida, 2015.
- STOTT, John R. **A Mensagem de Atos: até os confins da Terra.** São Paulo: ed. ABU, 2020.
- STOTT, John R. **Atos: Estudos Bíblicos.** São Paulo: ed. Cultura Cristã, 2012.
- TASKER, Randolph Vincent Greenwood. **Mateus: Introdução e Comentário.** São Paulo: ed. Vida Nova, 2008.
- TENPONI PACHECO, Márcio. **Discipulado e Cuidado Integral: fundamento e prática do Discipulado.** São Paulo: Pós-graduação *Lato Sensu* FATIPI EAD – Revitalização de Igrejas, 2022.
- THOMAS, Gary. **Casamento Sagrado: E se o objetivo de Deus para o Casamento, mais do que nos fazer felizes, for nos tornar santos?** Curitiba: ed. Esperança, 2022.
- THOMPSON, Tad. **Pais Discipuladores: um guia para o Discipulado Familiar.** São Paulo: ed. Vida Nova, 2011.